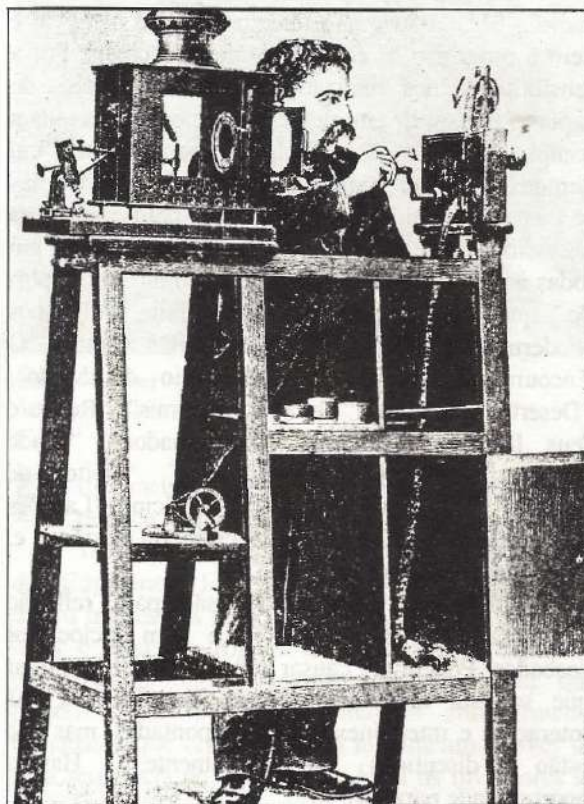


"Cineastas e Críticos"

José Augusto Affonso II

Licenciado em História, Bacharel em Direito e Mestre em Direito Público - UFFa. Juiz do Trabalho. Crítico de Cinema com coluna semanal no jornal "Voz de Nazaré".

Hoje, 100 anos depois, ninguém duvida de que o Cinema é uma Arte. Da mesma maneira, no final deste século, não se discute mais que o cinema constitui uma manifestação cultural das mais importantes. No entanto, para que isso fosse alcançado, devemos a dois monumentais trabalhos. O primeiro, está ligado a construção da linguagem cinematográfica feita a duras penas por diretores, cineastas e técnicos. O segundo, não menos importante, foi o realizado nas páginas de jornais, revistas e publicações em geral, através de notícias e depois pela crítica cinematográfica. A contribuição monumental daqueles que fizeram o cinema e àqueles que escreveram sobre cinema, é a quem prestamos nosso tributo.



Cinematographo de Lumière/1897

O Cinema começou a ser feito amadoristicamente. As experiências com imagens projetadas encerravam um misto de curiosidade, espanto e fascinante atração. Neste sentido embarcaram os irmãos Augusto e Louis Lumière, com o seu cinematógrafo, que em Dezembro de 1895, no cinema do Grand Café, em Paris, assustaram o público com a projeção das imagens de um trem em movimento. A partir daí, fazer Cinema significou não só registrar as imagens da realidade, mas acima de tudo impor sensação de movimento, ação e arrancar de quem estava assistindo a emoção. Seguindo os passos dos Lumières, vieram Georges Méliés (1861-1938), com a introdução da truncagem; Thomas Edison (1847-1931), inventor do cinetoscópio e produtor; William Paul (1869-1943), inglês, autor dos primeiros filmes com início, meio e fim e outros.

Na primeira década do século XX, o Cinema era europeu. Berço da Revolução Industrial, o velho continente contava não só com o domínio de novas tecnologias, mas também possuía uma ávida população urbana. Esta, assalariada, detinha dinheiro suficiente para pagar pela nova diversão - o Cinema. No entanto, a explosão dos EUA, como potência econômica industrial fez com que o pólo de desenvolvimento cinematográfico, por volta de 1910, se deslocasse do velho para o novo Continente. Thomas Edison, que além de inventor, sabia ganhar dinheiro como ninguém, fundou juntamente com William Dickson (1860-1937), a empresa Biograph. Esta seria uma típica produtora e no seu estúdio passa a realizar filmes em grande quantidade que o público pagava centavos de dólar para assistir.

Thomas Edison foi, na verdade, o primeiro grande manda-chuva do Cinema. Ele era dono do equipamento - cinetoscópio - dos cinemas e da produtora. Sob seu comando, trabalharam, além de Dickson, Edwin Porter (1870-1940), introdutor nos EUA, das primeiras noções de montagem e de continuidade, além de muitos outros. Na verdade, Edison construiu o primeiro trust do cinema, controlando com mão de ferro o mercado da costa leste dos EUA. Assim, é que para fugir da tirania monopolística de Edison e ainda da falta de luz solar



da área de Nova York, que muita gente que fazia cinema pulou para a Califórnia, na costa do Pacífico.

Los Angeles, Califórnia, ao contrário de Nova York, não tem inverno rigoroso, o sol brilha durante todo o ano; e, principalmente, não existia o trust de Edison. A eclosão da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), esfriou o Cinema europeu e obrigou Edison a reduzir o número de filmes rodados pela falta de carvão importado que era o responsável pela energia na cidade. A primeira companhia a se instalar em Hollywood, bairro de Los Angeles, foi a Selig, por volta de 1909. atrás dela, veio e instalou-se a Keystone de Marck Sennett (1880-1960), no ano de 1919. Aparecem também em Hollywood a Fox Films Corporation (1916) e a United Artists (1919). Por sua vez, a partir de tais companhias surge o Star System - fábrica de estrelas.

Mary Pickford (1893-1979), Theda Bara (1890-1955), Tom Mix (1880-1940), Douglas Fairbanks (1883-1939) e Rodolfo Valentino (1895-1926), foram grandes astros fabricados pela indústria cinematográfica de Hollywood. Contudo, essa nova indústria não resultou apenas do tino comercial de Carl Laemmle, Adolph Zukor, Samuel Goldwyn e Jack Warner, gente como George Eastman (1854-1932), fundador da Kodack Company, passou a produzir toneladas de filmes virgens. Contudo, o grande pai da linguagem cinematográfica foi um ex-ator, filho de um militar confederado chamado David Wark Griffith (1875-1948). Ele inventou a

montagem como hoje conhecemos criando a ação baseada na superposição de seqüências. Griffith pontificou como autêntico diretor e autor de Hollywood com filmes tipo "O despertar de uma Nação"(1915) e "Intolerance"(1916).

Por sua vez, na longínqua União Soviética, na mesma época que Griffith rodava seus filmes, cineastas russos como Dziga Vertov (1896-1954) e Serguei Eisenstein (1898-1948), introduziram na montagem, contribuições revolucionárias. Graças totalmente dos laços de dependência que prendiam a linguagem teatral. A introdução do som através do filme "The Jazz Singer" (1927), adicionou um importante recurso que fez, inclusive, a produção cinematográfica tomar novos rumos. Afinal, o Cinema passou a falar, o que obrigou a mudar o rumo da atuação dos atores, roteiristas e diretores, que estavam acostumados a trabalharem apenas com as imagens. E, ainda com o som, surge o mais feliz gênero cinematográfico - o musical.

O período entre-guerras, que vai de 1919 até 1939, é considerado o apogeu de Hollywood. A despeito da Depressão Econômica dos anos 30, o Cinema torna-se um veículo de comunicação de escala mundial. Filmes passam a ser projetados pelos quatro cantos do mundo, sendo que para que tais películas fossem entendidas por todos, a linguagem cinematográfica aprimorou-se, a própria produção se especializou. Surgiram técnicos em montagem, em edição, em cenografia, em efeitos especiais, em fotografia e em som. Comandando todos, estava o diretor-autor a quem cabia a tarefa de dirigir toda a equipe, inclusive os atores. Ou por outras palavras, a produção de filmes no período entre-guerras torna-se um negócio caro onde o risco não mais permite erros.

Boa parte do êxito do Cinema foi graças a sua magia. Ele transforma sonhos em imagens, e estas nas telas viraram realidade. Esta magia fascina até hoje os espectadores de todas as idades. Porém, o cinema não chegaria a ser o que hoje é - a invenção de maior sucesso deste século - se não existisse o trabalho de divulgação e da crítica. A imprensa, desde a primeira sessão em 1895, sempre deu muito espaço ao Cinema. Sob forma de publicidade e noticiário, os jornais e as revistas veiculavam informações sobre filmes, atores e atrizes e principalmente sobre o que acontecia ou deixava de acontecer em Hollywood. Nos EUA, jornais como o "Chicago Tribune", "Chicago Evening", este último, pertencente a William Hearst - personagem do filme "Cidadão Kane"(1941) -, aumentaram suas tiragens produzindo filmes.

O embrião da crítica cinematográfica começou através daqueles jornalistas que escreviam notícias e



D. W. Griffith



cobriam o Cinema. Com a própria evolução da Sétima Arte, as informações evoluíram do caráter de curiosidade para a preocupação de apontar ao público qual a fita melhor. Georges Sadoul, francês, autor do "Dictionnaire du Cinéma", foi talvez o grande crítico de cinema que inspirou gerações de críticos pelo mundo inteiro. Ele, além de escrever críticas, também foi autor de inúmeros ensaios que hoje integram a teoria sobre o cinema. François Truffaut (1932 - 1984), foi, antes de ser diretor, crítico de Cinema e um dos redatores do "Cahiers du Cinéma". Aliás, tanto François Truffaut, como André Bazin, através da crítica, contribuíram para a construção de uma teoria sobre o Cinema na França.

Menos intelectualizada, mas extremamente ativa, a crítica cinematográfica norte-americana teve Manny Farber, o responsável pela popularização da crítica. De certa maneira, os críticos que vieram depois, como Pauline Kael e Vicent Canby, seguiram os passos de Farber, procurando escrever críticas pequenas, claras, de amplo conteúdo informativo, mas sem perder o referencial estético. O Brasil também teve na crítica de Cinema uma importante fonte, tanto de informação como de agitação da atividade cinematográfica. Paulo Emílio Salles Gomes (1916 - 1977), autor do livro "Cinema: Trajetória do Subdesenvolvimento", além de ter escrito em jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, dirigiu o Curso de Cinema da Universidade de Brasília em 1965.

Porém, a crítica cinematográfica brasileira se expandiu e extrapolou o eixo Rio-São Paulo. De Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, até Belém-Pa, os primeiros passos foram dados. Na capital do Pará, tais passos começaram no "Olympia Jornal", uma espécie de jornal informativo publicitário, dirigido pelo poeta Rocha Moreira, que circulou com distribuição gratuita aos frequentadores do Cine Olympia, durante a década de 20. Como bem explica o crítico Pedro Veriano (A Crítica de Cinema em Belém - Ed. Falângola, 1983), "Depois do Olympia Jornal e coincidentemente com o advento dos anos trinta, a crônica cinematográfica, em Belém, ganhou terreno mais consistente do apego ao filme. Deixou-se gradativamente a publicidade direta ou indireta em torno do cinema lançador."

Theodoro Brazão e Silva (1900 - 1976), foi um dos primeiros colunistas de cinema do Pará, isto é, escrevia em "A Folha do Norte" a coluna específica de Cinema chamada "Palcos e Telas". Rafael Vieira da Costa, hoje imortal da Academia Paraense de Letras, manteve entre 1960 - 1964, uma coluna em "O Jornal do Dia", onde defendia não só o Cinema,

mas o papel da crítica. Acyr Castro, outro intelectual de grande conhecimento em termos de Cinema, é um crítico que pontifica como o de maior produção, pois já escreveu em quase todos os jornais de Belém-Pa. Luzia Miranda Álvares, a partir de 1972, com a coluna "Panorama", de "O Liberal", é outra responsável pela evolução do caráter qualitativo da crítica local.

Diversos nomes podem ainda ser citados como responsáveis pela evolução da crítica em Belém-Pa, como Orlando Teixeira da Costa, Edwaldo Martins, Alberto Queiroz, Antonio Lopes Munhoz e Amílcar Tupiassú. Porém, um crítico local merece um espaço especial nas telas de Belém. Este é Pedro Veriano Direito Álvarez. Ele sempre, através do seu espaço, contribui não só para o desenvolvimento da crítica cinematográfica em tamanho e prestígio, mas



também como autor de inúmeros trabalhos de pesquisas. Pedro Veriano - PV - é o autor e coordenador do livro "A crítica de Cinema em Belém", que foi publicada em 1983. Neste livro, a História do Cinema na Amazônia aparece através da reprodução de artigos e crônicas publicadas nos jornais de Belém-Pa, de 1920 até o final dos anos 70.

Na verdade, a crítica cinematográfica de Belém-Pa, com seus escritos sobre Cinema contribuiu em termos locais para a evolução e o êxito do Cinema. Por outro lado, o significado e o alcance de tudo que escreveu a crítica especializada da capital do Pará, serviu de estímulo à cultura, além de traduzirem interessantes visões a respeito do cinema e dos efeitos deste para com o meio onde é projetado. Portanto, ler e acompanhar a evolução da crítica cinematográfica em Belém-Pa, ou em qualquer lugar, é também acompanhar a evolução da própria linguagem cinematográfica; ou por outras palavras, a crítica ajudou a construir o êxito e o pleno sucesso, que é hoje o CINEMA no seu centenário.